



INCLUSÃO DO AUTISTA NA EDUCAÇÃO INFANTIL NA REDE REGULAR DE ENSINO: DESAFIOS E PERSPECTIVAS

Saionara Paulo Santos¹

Samara Paulo Santos Oliveira²

Universidade Estadual da Paraíba

Saionara.paulosantos@gmail.com

Samaravj_15@hotmail.com

Resumo

Este artigo aborda a inclusão do autista na Educação Infantil na rede regular de ensino, visto que são muitos os desafios para que a inclusão efetiva desse aluno se concretize. A Educação Infantil é de suma importância para o desenvolvimento global da criança autista, pois é nela que a escola começa a desenvolver nos alunos os aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social. O artigo ainda discute a importância da família, escola e do professor no processo de inclusão, e como esse tripé pode ajudar o aluno autista para que ele seja efetivamente incluído. Esses três elementos se tornam primordiais para que a inclusão aconteça, e acabam se configurando em um desafio no processo de inclusão, pois é preciso que eles desempenhem da melhor forma seu papel para que a inclusão aconteça.

Palavras chaves: Inclusão, Autismo e Educação Infantil.



Este trabalho tem como objetivo discutir a inclusão do autista na rede regular de ensino, na educação infantil, visando os desafios encontrados pelo mesmo. O autismo, também conhecido Transtorno do Espectro Autista (TEA) é um distúrbio que é caracterizado pelas dificuldades significativas na interação e comunicação social, além de alterações no comportamento restrito e repetitivo. De acordo com Bosa (2006, p.48) “Atualmente”, o autismo é classificado como transtorno invasivo do desenvolvimento, que envolve graves dificuldades ao longo da vida nas habilidades sociais e comunicativas- além daquelas atribuídas ao atraso global do desenvolvimento- e também comportamentos e interesses limitados e repetitivos.

Historicamente a humanidade foi construída sobre teorias e práticas excludentes, as pessoas com deficiência eram impedidas de participar da vida em sociedade. Conforme MIRANDA (2003, p. 02). “Os deficientes eram abandonados perseguidos e eliminados devido às suas condições atípicas, e a sociedade legitimava essas ações como anormais”. Por muito tempo as pessoas com deficiência foram vítimas da segregação, pois a ênfase era na sua incapacidade, na anormalidade.

O artigo aborda a inclusão do autista na educação infantil, que é a primeira etapa da educação básica e porta para o desenvolvimento integral da criança, uma etapa muito importante para a criança, pois se bem direcionada ela poderá ajudar a criança a adquirir conhecimentos e habilidades para toda a vida. Ela é reconhecida como um espaço de socialização e integração,

“A educação infantil, primeira etapa da educação básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança de até 5 (cinco) anos, em seus aspectos físicos, psicológicos, intelectual e social, complementando a ação da família e da comunidade” (LDB,1996,p.12).

A educação infantil por se caracterizar uma etapa escolar de muita importância, precisa esta preparada para lher dar com as diferenças, pois é na educação infantil que começa o processo de inclusão escolar, e onde o autista tem o primeiro contato com o outro ambiente depois do seio familiar. Incluir não consiste apenas na permanência física do aluno na escola, mas no propósito de rever concepções e paradigmas, valorizando e respeitando a diversidade dentro da sala de aula, dando um real

significado á permanência desse aluno na escola. Para que a inclusão aconteça de fato, é preciso acreditar no princípio de que todas as crianças podem aprender, e que todas devem ter acesso igualitário a um currículo básico, diversificado e uma educação de qualidade.

A inclusão perpassa por vários caminhos para que ela aconteça, e o professor é um desses caminhos, pois o mesmo se configura em um dos fatores primordiais para que haja a inclusão efetiva, é de suma importância a preparação específica e os cursos de formação, pois darão um norte ao docente para que ele saiba trabalhar da melhor forma com o autista, ou seja, que ele desenvolva um trabalho pedagógico, que atenda as necessidades desse aluno.

Assim como o professor a escola também se configura um elemento importante no processo de inclusão, por desempenhar um papel importante na vida do autista, e que tem como uma das suas incumbências fazer a inclusão acontecer. A escola precisa estar empenhada em construir um espaço totalmente inclusivo, ou seja, uma estruturada com recursos didáticos, e com profissionais habilitados para acolher os alunos, para que tenham acesso aos recursos e possam utilizá-los conforme seus direitos de aprendizagem. Atender o aluno autista, de forma que promova as acomodações físicas e curriculares necessária é um dos compromissos primários da escola inclusiva.

Para que ocorra a inclusão é necessário que todos os envolvidos estejam engajados nesta causa tais como: professor, escola e a família que se constitui um fator primordial quando se fala em inclusão, pois sem o apoio familiar fica quase impossível fazer com que o aluno autista se desenvolva. A família possui um papel decisivo para o seu desenvolvimento, desde a aceitação, fase do diagnóstico, nas formas de tratamento até nas intervenções de caráter clínico e pedagógico.

Assim sendo, é preciso desenvolver uma rede de apoio (constituída por alunos, pais, professores, diretores, psicólogos, terapeutas, pedagogos e supervisores) para juntos não só incluir a criança autista na escola, mas como também fazer com que a permanência dela seja significativa para ela naquele ambiente.

1. História da pessoa com deficiência

A história da pessoa com deficiência é marcada por muitos preconceitos. Durante muito tempo essas pessoas sofreram, pois não tinham espaço na sociedade, eram

marginalizadas por sua condição. Práticas sociais de discriminação eram notórias, longe do convívio social as pessoas com deficiência eram internadas em orfanatos, prisões e manicômios dentre outras instituições que os tratavam como pessoas anormais. Segundo VIEIRA (2015 p. 04) [...] a família, a escola e a sociedade em geral condenavam esse público de uma forma extremamente preconceituosa, de modo a excluí-los do estado social.

No século XX o que se observa é uma mudança no comportamento da sociedade, no que diz respeito à pessoa com deficiência, as pessoas passaram a ver com outros olhos esse público, ou seja, com menos preconceito, aos poucos foram surgindo debates e discursões a cerca do assunto:

A partir do século XX, gradativamente, alguns cidadãos começam a valorizar o público deficiente emerge a nível mundial através de movimentos sociais de luta contra a discriminação em defesa de uma sociedade inclusiva. Nesse período histórico corroboram as críticas sobre as práticas de ensino da época, conduzindo também questionamentos dos modelos análogos do ensino aprendizagem, gerando exclusão no cenário educacional. (VIEIRA, ano 2015, p.04)

Com o passar dos tempos dispositivos legais como a Declaração de Salamanca, que defende a inclusão das pessoas com deficiência foram surgindo. Além deste documento outros também surgiram como: Declaração dos Direitos das Pessoas com Deficiência, Declaração Universal dos Direitos Humanos, Conferência Mundial sobre Educação para Todos e a nível nacional se destaca a Lei de Diretrizes de Base (LDB). Esses documentos enfatizam a igualdade e o direito a educação para todo cidadão.

O autista assim como todas as pessoas com deficiência tem o direito à aprendizagem e ser inserido na rede regular de ensino efetivamente. Não basta apenas inserir esse aluno dentro da sala de aula, é preciso ter todo um trabalho pedagógico adequado que atenda as reais necessidades do autista e que garanta a permanência do mesmo. “[...] os alunos com necessidades especiais educativas especiais devem receber o apoio suplementar de que precisam para assegurar uma educação eficaz”. (Declaração de Salamanca, 1994, p. 12).

A literatura aponta o psiquiatra austríaco Léo Kanner quem diagnosticou o autista, daí o entendimento do autismo também ser conhecido como “Síndrome de Kanner”. Segundo SCHAWARTZMAN (1994) apud LUZ, GOMES, LIRA (2016),

Por essa razão, o autismo também conhecido como Síndrome de Kanner. O seu estudo pode contribuir para identificar distúrbios mentais e distúrbios de comportamento, formando uma proposta de descrição clínica como muito utilizada no diagnóstico com pessoas autistas.

O transtorno do Espectro Autista é considerado um distúrbio classificado em três graus: leve, moderado e severo, que aparece antes mesmo dos três anos de idade, em sua maioria no sexo masculino. Uma das características mais marcantes é a falta de interação, ou seja, o relacionamento com outras pessoas não costuma despertar interesse, outro sintoma recorrente é a dificuldade na comunicação, pois tem crianças que não desenvolvem a fala, já outras conseguem desenvolver, mas costumam repetir palavras ou frases (ecolalia). Manter a rotina é característica do autista, quando ela é modificada acaba ocasionando irritação e desconforto para o autista.

O autismo infantil (AI) é uma síndrome definida por alterações presentes desde idades muito precoces e que se caracteriza, sempre, pela presença de desvios nas relações interpessoais, linguagem/ comunicação, jogos e comportamento, hiperatividade, hiperatividade e movimentos repetitivos. (LUZ, GOMES, LIRA, 2016, p 04)

A educação Infantil é à base de aprendizagem de muita relevância e é uma fase importante para uma aprendizagem eficaz nas fases seguintes. É através dela que a escola começa desenvolver na criança os aspectos, físicos, psicológicos, intelectual e social.

[...] ela socializa, desenvolve habilidades, melhora o desempenho escolar futuro, propiciando à criança resultados superiores ao chegar ao ensino fundamental. A educação infantil é o verdadeiro alicerce da aprendizagem, importante para as demais etapas do desenvolvimento das crianças. (LUIZ, GOMES, LIRA 2016 p.126).

A educação infantil quando bem trabalhada pode ajudar e muito o autista no seu processo de desenvolvimento. Algumas dificuldades são apresentadas pelo autista, como por exemplo, a dificuldade em interagir, ou seja, a relação interpessoal se configura uma das barreiras a serem enfrentadas pelo autista, e a educação infantil quando bem desenvolvida pode ser uma aliada desse aluno para vencer essa barreira como outras que vierem a surgir. Daí a importância da educação infantil no processo de

desenvolvimento do autista, ela irá ajudar o aluno a superar barreiras, vencer medos e enfrentar os obstáculos que surgirem.

A educação infantil é reconhecida como um espaço de socialização, integração e um espaço que deve romper com barreiras de preconceitos, nessa perspectiva tem o papel primordial de acolher a criança autista dando a mesma, todas as condições necessárias para o seu bom desenvolvimento.

2. A escola e seu papel na inclusão

A escola é um espaço que deve oferecer a todas as crianças uma oportunidade de crescimento em todos os seus aspectos. Um lugar onde deve ter um caráter inclusivo, que reúna e concentre todas as crianças, cada uma com a sua especificidade. A escola representa um dos elementos primordiais para que a inclusão aconteça, pois o ambiente escolar é a segunda casa da criança, onde existe um convívio diário com as outras crianças ali presentes, na sala de aula e em todo o ambiente escolar. Diante de tanta diversidade a escola tem por excelência, propiciar aos alunos um ambiente totalmente inclusivo,

O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola. (DECLARACAO DE SALAMANCA 1994 p. 11-12)

Para que o aluno autista rompa com as barreiras que o impeça de desenvolver suas habilidades, é preciso que a escola tenha um ambiente acolhedor, que não só aceite esse aluno, mas que também dê todo o suporte necessário para que a sua permanência não seja apenas física, mas que tenha significado real para a sua vida. Segundo a Declaração dos Direitos Humanos (1994, p.12) “Nas escolas inclusivas, os alunos com necessidades educativas especiais devem receber o apoio suplementar de

que “precisam para assegurar uma educação eficaz”. Não basta a escola apenas ofertar a vaga, é preciso ter um trabalho pedagógico que consiga manter de uma forma eficaz esse aluno.

A escola inclusiva se preocupa em construir um currículo que contemple todos os alunos, um currículo versátil que atenda as necessidades de todos, sem distinção. Para promover uma maior eficácia educativa as adaptações curriculares se tornam uma estratégia a fim de contribuir no processo de inclusão. No caso do aluno autista, é importante que o currículo da escola que o mesmo esteja inserido, atenda as reais exigências necessárias desse aluno.

Para haver inclusão é necessário que haja aprendizagem, e isso traz a necessidade de rever os nossos conceitos sobre currículo. Este não pode se resumir às experiências que favoreçam o desenvolvimento dos alunos anormais ou especiais. Sendo assim, as atividades de vida diária podem se constituir em currículo e em alguns casos, talvez sejam “os conteúdos” que serão ensinados. A questão que podemos e devemos levantar é se a escola representa para a criança especial, um espaço significativo de aprendizagem, e sendo a resposta positiva, podemos então afirmar que desenvolvemos práticas inclusivas (SERRA, 2010, p. 172).

Um dos elementos importante da escola no processo de inclusão da pessoa com deficiência é o P.P. P (Projeto Político Pedagógico), pois ele é uma ação intencional um compromisso construído e que deve ser firmado coletivamente. Nesse projeto a escola se posiciona em relação com o compromisso de uma educação de qualidade e igualdade, que contemple a diversidade. Sua construção deve ser realizada coletivamente com a participação de todos os envolvidos na comunidade escolar, e se torna primordial que após sua construção o P.P. P se concretize através das ações da escola, não ficando apenas no papel engavetado, que ele se torne um projeto vivo e que toda a comunidade escolar o vivencie.

Para que as escolas atendam ao processo de inclusão, os alunos com necessidades educacionais especiais devem ser incluídos no ensino regular e o ensino precisa de uma revisão, a fim de atender as demanda individuais de cada aluno, independentemente de suas particularidades e diferenças, de modo a adequar e organizar o currículo e o Projeto Político Pedagógico da instituição, contemplando a diversidade de sua comunidade escolar, formando um equilíbrio entre o desenvolvimento dos conteúdos previstos e a socialização de todos os envolvidos. (ROCHA, 2017, p. 04)

É importante destacar que uma escola inclusiva, deve ser bem estruturada e com recursos didáticos para atender todos os alunos, inclusive os autistas. A escola deve ter

uma equipe multidisciplinar composta por: psicólogo, psicopedagogo, assistente social e orientador capacitados para dar todo o suporte necessário para os autistas; preparar programas para atender a diferentes perfis, visto que os autistas podem possuir diferentes estilos e potencialidades e esta atenta sempre na formação dos professores.

3. O professor no processo de inclusão.

Muitos são os desafios enfrentados pelos docentes dentro da sala de aula, um deles é a grande heterogeneidade existente. Mediante isso os professores se deparam com um grande desafio, que é saber lidar com essa diversidade, que exige do professor a busca de novas estratégias para que esse aluno possa aprender juntos com os demais e superar seus próprios limites. “Muitos professores encontram dificuldades em trabalhar com a diversidade, demonstrando insegurança para desenvolver seu papel, pois não existe uma fórmula correta para lecionar diante das especificidades de cada aluno, apresentando o aluno deficiente ou não” (ROCHA, 2017, p. 06 -07).

O aluno autista, por exemplo, tem todo um jeito específico de ser e estar no mundo, diante disso é imprescindível que o professor conheça esse aluno, estude e busque sempre se informar sobre o autismo, quais os níveis e como desenvolver uma prática educativa onde o aluno autista consiga desenvolver suas habilidades e ter bom êxito no processo de aprendizagem. O professor agindo dessa forma, ou seja, sempre buscando formação contribuirá para que a inclusão seja uma realidade dentro da escola.

É um grande desafio aos professores o processo de inclusão dos alunos com necessidades educacionais especiais, pois cabe a eles construir novas propostas de ensino, atuar com um olhar diferente em sala de aula, sendo o agente facilitador do processo de ensino-aprendizagem. Muitas vezes os professores apresentam resistência quando o assunto é mudança, causando certo desconforto. (ROCHA, 2017, p.02)

A formação continuada é a melhor ferramenta que o professor pode utilizar para trabalhar com a diversidade e conseqüentemente com a inclusão, pois é uma oportunidade que o professor tem para melhorar sua prática pedagógica e refletir sobre sua profissão e suas atitudes tomadas frente a suas aulas. Um professor que se prepara e se mantém sempre em processo de formação, estará bem mais preparado para lidar

com o seu aluno, visto que só o conhecimento adquirido na Universidade não é suficiente para desenvolver uma boa prática pedagógica. O professor precisa estar em constante reflexão e na incessante busca pelo conhecimento que lhe preparará para trabalhar em sala de aula e fazer uma análise de como está sendo desenvolvendo o seu trabalho em sala de aula. Segundo Líbano (2006, p. 36)

A formação profissional para o magistério requer, assim uma sólida formação teórico-prática. Muitas pessoas acreditam que o desempenho satisfatório do professor na sala de aula depende de vocação natural ou somente da experiência prática, descartando-se da teoria. É verdade que muitos professores manifestam especial tendência e gosto pela profissão, assim como se sabe que mais tempo de experiência ajuda no desempenho profissional. Entretanto, o domínio das bases teórico-científica e técnicas, e sua articulação com as exigências concretas do ensino, permitem maior segurança profissional, de modo que o docente ganhe base para pensar sua prática e aprimore sempre mais a qualidade do seu trabalho.

Em uma sala de aula heterogênea o professor irá encontrar alunos diversos como já dito anteriormente, cada um com a sua especificidade, entre eles o aluno autista, que tem o seu jeito específico de ser e aprender, daí a importância do professor estar sempre preparado para desenvolver metodologias que atenda esse aluno.

Ao tocar no aspecto das práticas educativas, inclusivas ou não, é necessário comentar a importância que a formação do professor que atuará com os autistas. Até recentemente, somente os professores que possuíam um interesse pela Educação Especial é que se dirigiam para a formação específica e depois obviamente faziam suas escolhas profissionais que envolviam a Educação Especial. Infelizmente a demanda da inclusão chega às escolas antes da preparação do professor e a solução tem sido a capacitação do profissional em serviço, através dos programas de formação continuada [...] (SERRA, 2010, p. 172)

A responsabilidade do professor quando se fala em inclusão não se milita apenas na formação continuada, ou seja, em desenvolver uma prática pedagógica que inclua o aluno com deficiência, mas também que o professor desenvolva em seus alunos a

consciência nas suas aulas o respeito mutuo e sempre mostre que todos são iguais independente de sua etnia situação social econômica e suas demais diferenças.

[...] os profissionais que buscam uma ação educativa, devem estar atentos as diversidades de seus alunos, procurando exercer seus papel de maneira justa e solidaria, pautado no respeito mutuo, eliminando todo e qualquer tipo de discriminação com o intuito de formar cidadãos conscientes para o convívio para lhe dar com as diferenças.(ROCHA, 2017,p. 06)

O trabalho docente não terá bom êxito se for realizado isoladamente, ou seja, sem a colaboração da família. O conhecimento adquirido na escola tem que ser estendido para a casa do aluno também, pois a escola deve ser uma extensão da casa ou vice versa, ou seja, tem que ser um trabalho integrado, e isso só será possível se houver uma parceria entre família e professor. É de suma importância essa ponte entre professor e família, pois os pais são agentes indispensáveis no processo de inclusão, e são eles que melhor conhece a criança, porque a acompanhou desde o seu nascimento e conhece bem o seu modo de ser.

Realizar um trabalho voltado ao respeito, heterogeneidade e a igualdade se torna uma das incumbências primarias do professor. Fazer um trabalho pedagógico que dê possibilidades ao aluno autista desenvolver suas habilidades, superar seus limites e desenvolver sua autonomia também é uma das funções do docente que é um elemento muito importante no processo de inclusão.

Como citado anteriormente muitos são os desafios enfrentados pelos alunos autistas, mas se todos os elementos envolvidos no processo de inclusão (família, escola e professores) trabalhar juntos em prol do processo de inclusão, dará oportunidade para que esse aluno possa se desenvolver e conseguir superar limites e barreiras.



REFERÊNCIAS

BOSA, Cleonice Alves. **Autismo: intervenções psicoeducacionais**. Disponível em: < <http://www.scielo.br/pdf/%0D/rbp/v28s1/a07v28s1.pdf>>. Acesso em: em 13 abril. 2018.

UNESCO. Declaração de Salamanca e Linha de Ação sobre Necessidades Educativas Especiais. Brasília: CORDE, 1994. Disponível em:< <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/salamanca.pdf>>. Acesso em 20 maio.2018.

BRASIL, MEC. (1996). Lei de Diretrizes e Bases nº 9394/96. Brasília: MEC.

MIRANDA, Arlete Aparecida Bertoldo. **História, deficiência e Educação Especial**. Disponível em <<http://atividadeparaeducacaoespecial.com/wp-content/uploads/2014/09/INCLUSÃO-DEFICIENCIA-E-EDUCAÇÃO-ESPECIAL.pdf>>>. Acesso em: 27 maio. 2018.

LUZ, Mariana Helena silva; GOMES, Candido Alberto; LIRA, Adriana. **Narrativas sobre a inclusão de uma criança autista: desafios á pratica docente**. Disponível em: <http://www.scielo.org.pe/pdf/educ/v26n50/a07v26n50.pdf>>. Acesso em: 30 maio. 2018.

SERRA, Dayse. **Sobre a Inclusão de alunos com autismo na escola regular. Quando o campo é quem escolhe a teoria**. Disponível em <www.periodicos.ufc.br/psicologiaufc/article/download/66/65>. Acesso em 06 junh.2018.

VIEIRA, Givanilda Márcia. **Educação Inclusiva no Brasil: do contexto histórico á contemporaneidade**. Disponível em < https://arquivos.5gsistemas.com.br/PosRedentor/arquivos/conteudo_542346c163783.pdf>. Acesso em 15 junh.2018.

LIBÃNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.

ROCHA, Artur Batista de Oliveira. **O papel do professor na educação inclusiva**. Disponível em <<http://www.opet.com.br/faculdade/revista->



III CINTEDI

[pedagogia/pdf/n14/n14-artigo-1-O-PAPEL-DO-PROFESSOR-NA-EDUCACAO-INCLUSIVA.pdf](#) > Acesso em 25 junh. 2018.

